

humanitas

Vol. LXIV
2012

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

isolamento, recolhimento em casa e, na guerra, profundo receio de morrer e indiferença perante a valorização social da morte no campo de batalha. Que este tópico trágico reflete a ideia que na sociedade ateniense do séc. V corria sobre o escravo, é o que se parece poder depreender da legislação, atribuída a Sólon (Ésquines, *Contra Timarco* 1.138-139), que proibia o escravo de se exercitar ou lutar nos *gymnasia*.

Embora me pareça que um diálogo do texto trágico com o contexto histórico-social e com o intertexto – eventualmente até com o cómico, mas, como se viu, não só –, e que um bom *index locorum* pudessem enriquecer o trabalho, a verdade é que a análise de S. revela uma notável sensibilidade ao tema e critério na seleção de exemplos, e lança nova luz não só sobre o comportamento de personagens servis, mas também sobre o das de condição livre que com elas interagem e/ou que como elas se comportam.

PAULO SÉRGIO FERREIRA

SOARES, C.; FIALHO, M.C.; MORÁN, M.C.A; MONTIEL, R.M.I (Org.).
Norma & Transgressão II. Coimbra: Imprensa da UC, 2011.

Norma & Transgressão é uma coletânea de artigos organizada pelas professoras Carmem Soares, Maria do Céu Fialho, María Consuelo A. Morán e Rosa María I. Montiel, resultante do Colóquio Internacional homônimo ao título do volume realizado em 2008 e promovido pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e pelo Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, com a colaboração da Universidade de Múrcia. Os artigos da coletânea propõem uma discussão acerca das variadas formas como as sociedades vivenciam as suas experiências de regulamentação de suas normas e, ao mesmo tempo, de como subvertê-las. Porém, a transgressão implica um outro processo, qual seja, aquele da sua inserção na realidade social, permitindo a criação de uma nova dinâmica de identidade.

A obra em questão possui dezesseis artigos escritos por especialistas em variadas temáticas e temporalidades, de diversas universidades portuguesas e internacionais, se caracterizando pela opção por uma abordagem interdisciplinar. A relação entre norma e transgressão é analisada pelos autores a partir de cinco grandes eixos temáticos, a saber: História da Antiguidade Clássica, Os Clássicos e a sua recepção: Contributos para

a (des)construção de identidades culturais, Religião: Da Grécia aos dias atuais, Filosofia e Geografia.

As fronteiras entre as normas e as transgressões foram estudadas por Mark Beck e por Josep Monserrat Molas sob o viés das relações políticas. O primeiro, no artigo *Constitutions, Contingency and the Individual: Solon, Lycurgus, and the Early Development of Greek Political Biography*, reflete a questão no contexto grego antigo a partir da biografia política, destacando que as discórdias sociais – como os conflitos de facções e de grupos que jogam uns contra os outros – se constituem em um motor das transformações sociais. Quanto ao fenômeno das transgressões, o autor conclui que ele, na Grécia antiga, é sintomático de discórdias sociais e está associado com influentes indivíduos que propunham as pessoas certas no lugar e na hora certa. Já Molas, no artigo *A transformação da norma como forma de manter a ordem – uma nota sobre o sentido de ‘O Político’ de Platão*, parte da ideia de que “o sentido de *O político* reside na transmissão de uma responsabilidade partilhada de compreender o governo da cidade a partir da necessidade de defender a ordem precária com o contínuo *fazer e desfazer* que evita o caos e a tirania definitivos” (p. 39). Através da reflexão sobre a relação que Platão estabelece, na obra, com o feminino, o autor defende que a dinâmica entre normas e transgressões pode ser pensada em relação ao feminino; isto porque, em *O Político*, a demonstração e os limites da verdadeira política possível possui vinculações estreitas com uma arte de tecer exclusivamente feminina. Assim sendo, as artes da política e do tecer são metaforicamente análogas, *permitindo* a presença do feminino num plano culturalmente visto como masculino; isto é, a *incorporação* da transgressão.

A arte e a gastronomia também oferecem significativas contribuições para a discussão entre norma e transgressão. Luiza de Nazaré Ferreira e Carmen Soares atestam tal afirmação nos seus artigos. Ferreira, no artigo *Crianças na arte grega. Representações sociais e convenções artísticas*, se concentra na interpretação da cultura material (pintura e estatuária, em especial) que abarca o recorte cronológico desde a Idade do Bronze até o Período Helenístico, visando oferecer uma relevante contribuição ao estudo sobre a infância no mundo antigo grego. A autora busca confrontar as representações artísticas com os valores e normas vigentes na sociedade que as criou e estabelece relações entre o estatuto da criança e da mulher no mundo antigo grego. Uma das conclusões da autora é a de que os gregos sempre estiveram atentos às diferentes experiências da infância.

Centrando o seu foco de análise no consumo de carne em Plutarco e retornando à análise da documentação literária, Soares no artigo *Transgressões gastronômicas: 'Sobre o consumo de carne' em Plutarco*, propõe evidenciar o interesse desde a antiguidade com a temática da alimentação, incluindo “a preocupação com o bem estar (físico e mental) do homem, a carga ética que encerra, as leituras sociais de que é passível e as suas implicações ecológicas” (p. 100). As argumentações de Plutarco, nos dois tratados que ficaram conhecidos como *Sobre o consumo de carne*, são analisadas pela autora a partir de quatro perspectivas, a saber: razões antropológicas, filosófico-morais, médicas e ecológicas. No decorrer do artigo a dinâmica entre norma e transgressão pode ser entendida através da análise, em Plutarco, dos conceitos gregos de *phýsis*, *hýbris* e *anomia*, por exemplo, bem como de suas preocupações acerca do próprio consumo de carne pelos homens, e de seu bem-estar, de sua abstinência e do equilíbrio no ecossistema. O esforço de Plutarco se concentra na luta contra os excessos cometidos no consumo da carne e não em sua suspensão na dieta dos homens.

Voltando-se para a preocupação acerca da recepção dos clássicos, seis artigos da presente coletânea participam da discussão sobre norma e transgressão e nos oferecem uma reflexão sobre a construção de identidades culturais. O primeiro deles discute o que podemos chamar de a *presença* da poesia grega na literatura latina, em especial nas *Metamorfoses* de Ovídio. A proposta do artigo de María C. Álvarez e de Rosa María Iglesias é se focar na situação trágica das mulheres troianas na obra de Ovídio. Neste propósito, nada mais familiar do que recorrer à poesia épica helênica. Em *La tragédia de las mujeres troyanas en las Metamorfosis de Ovídio*, se observa não somente a presença nas *Metamorfoses* da poesia épica e do Ciclo épico, mas, principalmente, da poesia trágica de Eurípides. Pela temática, *Troianas* e *Hécuba* ganham destaque. As autoras concluem que Ovídio “seguindo o script euripídiano, que entrelaça com os dados da épica para, o que aparentemente é o mesmo, é absolutamente novo, graças a pequenas, mas importantes inovações” (p. 151).

A tragédia de Eurípides, ou melhor, o mito de Medeia se fará notável nos dois próximos artigos. Maria do Céu Fialho se dedica ao estudo da obra *Sob o Olhar de Medeia* (1998) que marca a primeira incursão no romance de Fiamma Hasse Pais Brandão. Já Maria Antónia Horster e Maria de Fátima Sousa e Silva elegem a peça *Medeia* (2008) de Mário Cláudio.

A proposta de leitura presente no romance de Fiamma Brandão é concebida em *Reinvenção do mundo e correspondência de símbolos em*

Sob o Olhar de Medeia de Fiama Hasse Pais Brandão como inserida numa linha moderna de *ressacralização* do mito. O romance protagonizado pela personagem Marta nos insere numa reflexão acerca de um caminho aberto sob a forma do olhar sobre um universo inicialmente novo, desconhecido e fechado (p. 158); que nada mais é senão a dimensão interior das próprias personagens. As referências simbólicas no romance são distintas e complexas, o que é apontado por Maria do Céu Fialho. Esta, ao se perguntar sobre onde encontrar a matriz do mito de Medeia que teria inspirado Fiama, entende que tal matriz não está em Eurípidés, mas na epopéia dos *Poemas Argonáuticos* e nas *Metamorfoses* de Ovídio.

Diferente de Fiama, Mário Cláudio adota como princípio estruturante de sua peça o drama grego de forma atualizada e através de constantes citações. A sua protagonista, homônima a de Eurípidés, é uma mulher portuguesa, solitária e já idosa. Atriz em final de carreira, o seu projeto é levar à cena a *Medeia* de Eurípidés. Assim como o tragediógrafo grego, Mário Cláudio se propõe a refletir sobre a sua própria sociedade. As autoras do artigo se perguntam se a *Medeia* portuguesa é uma transgressora. Elas concluem que sim, argumentando com situações sociais, familiares e internas da personagem; ressaltando que a conformidade às normas sociais também se faz presente em *Medeia*, até mesmo por sobrevivência da atriz. Transgride *Medeia*, mas também Mário Cláudio: Ele rotula *Medeia* com a experiência de uma mulher vencida.

O artigo escrito por Ana Paula Arnaut também se dedica à análise de uma obra de Mário Cláudio. Trata-se da novela *Boa Noite, Senhor Soares* (2008). Na obra, o passado dialoga com o presente narrativo, intercalando temporalidades e visões a partir do recurso do jogo intertextual com o *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa (Bernardo Soares). O *Senhor Soares* é Bernardo Soares, personagem da ficção heteronímica de Pessoa que passa a integrar a obra de Mário Cláudio. A relação estabelecida por Mário Cláudio com Pessoa/Soares é de profundo conhecimento e de incorporações harmoniosas, talvez facilitada pelo método proustofílico ao qual faz referência Ana Paula Arnaut nas páginas iniciais do artigo.

Mais dois artigos completam o eixo temático sobre os Clássicos e suas recepções: o de Susana Marques Pereira e o de Teresa Carvalho. Em *Adaptação dramática e transgressão*, Susana Pereira estuda as transgressões geradas com *performances* contemporâneas de algumas peças emblemáticas do teatro antigo grego. Mais do que propriamente as *performances*, o que a autora busca verificar é como as adaptações/atualizações feitas pelo mundo

contemporâneo são sentidas pelo público. Duas adaptações contemporâneas são postas à prova frente ao público grego. A primeira, *As Aves* do grego Karolos Koun, encenada em 1959, foi rejeitada pela plateia grega e, posteriormente, fortemente acolhida em Paris. Já a tragédia *Bacantes* de Eurípides ganhou uma adaptação de Mattias Langhoff, em 1997. Mais uma vez, as inovações contemporâneas foram rejeitadas. E a crença de Langhoff na estreita conexão entre o drama antigo e a vida contemporânea não se sustentou; o que não invalida a ideia de que “o teatro grego permanece como modelo, mas revela-se, em simultâneo, um material disponível para constantes reformulações...” (p. 194).

Do teatro grego à epopeia portuguesa por excelência, *Os Lusíadas*. De Camões a Manuel da Silva Ramos e Alface. *Os Lusíadas* de Ramos e Alface é uma obra *inspirada* pelo final da obra homônima de Camões, na qual o poeta propunha ao rei D. Sebastião uma nova partida, legando ao poema uma quase imposição de novos motivos de epopeia (p. 215). O artigo de Teresa Carvalho tem por proposta discutir as ousadias que na *epopeia* de Ramos e Alface transgridem as fronteiras do gênero épico e dos códigos literários pré-estabelecidos; criticamente, enfatiza que a obra, com hiatos que geram um esvaziamento do conteúdo épico d’ *Os Lusíadas* de Camões, subverte a prática romanesca tradicional e suas categorizações estéticas.

O artigo *Um passado mais-que-perfeito: O impacto do clássico na arquitetura britânica* de Isabel Donas-Botto discute o classicismo e a sua presença na arquitetura britânica ou, como a própria autora apresenta, “a associação entre uma suposta identidade britânica e o ‘clássico’” (p. 230). A expressão *império do bom gosto* que é usada para descrever o domínio do clássico na arquitetura inglesa de meados do século XVII ao princípio do XIX merece atenção no artigo, porque permeia a construção de uma tradição e de uma identidade nacionais. A proposta do artigo é instigante, não se reduzindo apenas à apreciação do êxito de algumas das propostas estéticas do *gosto inglês*, e concedendo espaço para o debate que marca a arquitetura britânica entre as correntes do *tradicionalismo* e do *classicismo* de um lado, e o modernismo, de outro.

Os cinco artigos que concluem a coletânea trazem à discussão questões sobre religião, filosofia e geografia. Os três primeiros desses textos articulam ideias acerca da religião grega à contemporaneidade. Adriana Freire Nogueira em *Quando a transgressão é norma – a religião grega em progresso* busca refletir sobre a relação entre homem e divindade, assim como as questões

que são levantadas a partir dessa relação – tanto individual quanto de grupo –, tendo por objeto de interesse os rituais de iniciação, que pressupõem uma participação coletiva. Há por parte da autora a preocupação em demonstrar que essa forma de relacionamento entre homens e divindades ultrapassa as tão conhecidas aventuras dos deuses narradas pela mitologia e se faz presente nas formas tradicionais de expressão da religiosidade portuguesa contemporânea. Podemos dizer que a tônica do artigo se concentra no estudo dos aspectos transgressores dos cultos, ou seja, naquilo que deveria ser considerado como transgressão e é norma em algumas situações.

José Augusto M. Ramos se dedica a pensar, no seu artigo, a temática da coletânea – norma e transgressão – à luz do paradigma bíblico. O autor foca seu interesse na questão da leitura bíblica, afirmando que esta tem se constituído na base da leitura pública e oficial há mais de dois milênios, suportando no seu interior o peso da dissensão entre o judaísmo e o cristianismo (p. 265). No âmbito do paradigma bíblico, os conceitos de norma e de transgressão se fazem presentes. A Bíblia, pela lei, assume o papel de uma norma; logo, o comportamento de fuga à lei representa a transgressão. Na sua análise, o autor não deixa de ter em mente que as religiões do livro, isto é, da leitura, são fenómenos essencialmente de cultura.

O último artigo do eixo religião é o de Carlota Miranda Urbano que se pauta no estudo da poesia neolatina produzida pela Companhia de Jesus, em especial, a epopeia composta por Bartolomeu Pereira (1640), tendo como primeira intenção edificar o leitor. Fica evidente no decorrer da obra a defesa pela Companhia da *norma* ortodoxa frente às transgressões. Nela, o discurso hagiográfico, com a riqueza literária da epopeia de modelo clássico, soube tirar proveito de uma eficácia em torno da defesa da norma ortodoxa frente ao debate com as várias heterodoxias.

O artigo que compreende o eixo temático Filosofia, de Maria Luísa Portocarrero, se dedica a pensar acerca das concepções de Paul Ricoeur, em especial o conceito de sabedoria prática. De acordo com Portocarrero, a sabedoria prática consiste justamente no inventar das condutas que melhor satisfazem a exceção pedida pela solicitude das pessoas, traindo o menos possível a regra. Este tipo de transgressão à regra é entendido pelo filósofo francês como não sendo uma aberração (p. 314).

Desvios e regras nos territórios do quotidiano de Noberto Santos finaliza a coletânea. O artigo une duas áreas temáticas, na concepção do autor, fortemente vinculadas: a Geografia e o Lazer. Tal vinculação se fortalece pelo fato de as categorias tempo e espaço serem suas referenciais.

O que Santos propõe é dar expressão, nas sociedades contemporâneas e notadamente de consumo, a territórios alternativos, tolerados ou de transgressão, e que têm no lazer, no turismo, nos estilos de vida e no quotidiano a sua representação maior. Estabelecendo comparações entre normas e regras, o se deseja é identificar o modo como pessoas e culturas assimilam diferentes formas de fazer, entendendo umas como fatos culturais, e outras como desviantes/marginais.

A obra se mostra bastante equilibrada na sua proposta de pensar como as diferentes sociedades, no espaço e no tempo, refletiram as relações entre os conceitos (e as práticas) de norma e transgressão. Convidando-nos à participação no debate, os artigos oferecem argumentos e abordagens instigantes sobre a questão, sem, no entanto, encerrá-la. Eles apresentam alternativas diversificadas e interdisciplinares de interpretação, nos incitando a percorrer pelos caminhos que nos conduzem à *Norma & Transgressão*.

FÁBIO DE SOUZA LESSA